



Recebido em: 06/11/2018

Aceito em: 20/03/2019

**EDUCAÇÃO E QUIMBANDA:
PEDAGOGIAS DOS CORPOS EM TERREIROS DE RIO GRANDE/ RS**

**EDUCATION AND QUIMBANDA:
PEDAGOGIES OF THE BODIES IN THE TERRACES OF RIO GRANDE/RS**

Mestre Rodrigo Lemos Soares¹

FURG

<http://lattes.cnpq.br/7158430253302821>

Doutor Mauro Tavares Dillmann²

UFPEL

<http://lattes.cnpq.br/5567003394621139>

Doutora Denise Marcos Bussoletti³

UFPEL

<http://lattes.cnpq.br/3000225561008826>

Resumo: Este texto é um híbrido, formado por uma pesquisa de dissertação, na qual discuti os ensinamentos de danças de exus e pombagiras, em terreiros de Quimbanda de Rio Grande/ RS, em diálogo com um recorte do projeto de Tese, que visa discutir os rituais de sangue na Quimbanda, enquanto pedagogias culturais, que incidem na produção de corporeidades. A escrita está orientada pelo campo dos Estudos Culturais, recorrendo ao fazer metodológico da Etnografia Surrealista. Assumo que os terreiros são compreendidos como espaços educacionais que possuem, dentre seus propósitos, manter memórias, sinalizar a existência de culturas específicas, por meio da demarcação de identidades. A educação, nestes espaços, é inerente ao papel de sujeito que se assume. Assim, ao sermos de um terreiro, os saberes que carregamos são parte dos ensinamentos lá debatidos, dessa forma, será inerente nossa responsabilidade na educação de todos(as) envolvidos(as), tanto na prática religiosa, quanto nas relações que extrapolam estes espaços.

¹ Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Mestre em História e Educação em Ciências; Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS) – Bolsista CAPES/ Demanda social <guidodanca@hotmail.com>

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Doutor em História - <maurodillmann@hotmail.com>

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Doutora em Psicologia - <denisebussoletti@gmail.com>

Palavras-chave: Educação; Ensino de Danças; Pedagogização dos corpos; Narrativas; Memórias

Abstract: This text is a hybrid, formed by an dissertation research, in which I discussed the teachings of exus dances and pombagiras, in the terraces of Quimbanda of Rio Grande/ RS, in dialogue with a cutout of the thesis project, which aims to discuss the blood rituals in Quimbanda, while cultural pedagogy, which focus on production of corporeidades. The writing is guided by the field of cultural studies, using the make Surrealist Ethnography methodological. I assume the terreiros are understood as educational spaces that have among their purposes, keeping memories, signal the existence of specific cultures, through the demarcation of identities. Education, in these spaces, is inherent in the role of guy who assumes. So, by being a yard, the wisdom that we carry are part of the teachings there discussed, therefore, will be inherent in our responsibility on education of all involved, both in religious practice, as in relations that go beyond these spaces.

Keywords: Education; Dance education; Pedagogies of bodies; Narratives; Memories

Prece de abertura...

Início⁴ este texto anunciando que ele trata de uma narrativa acerca de uma dissertação em História. Para tanto, escrevo-o, a partir de recortes, aos quais confiro “[...] sentidos a documentos igualmente fragmentados” (PAZ, 1996, p. 42). Isso porque, ao desenvolver esta pesquisa fui narrando partes da minha vida, minhas histórias e caminhos, de tal modo que assim como ocorreu nela, na dissertação, esta escrita não contempla todas as narrativas, tampouco, as histórias que produzi e vivi, pois creio que “[...] nunca se termina nada [...]” (DELEUZE, 1992, p. 221). Ele é então o resultado das minhas inquietações e dos caminhos que percorri, de entrelugares (BHABHA, 2013), exaltando que “[...] ninguém é, portanto responsável por uma emergência; ninguém pode se autoglorificar por ela; ela sempre se produz no interstício” (FOUCAULT, 2003, p.24). Além disso, importei-me em compreender que “[...] na vida e no trabalho, o mais importante é converter-se em algo que não se era no início” (FOUCAULT, 1990 a - b).

Componho estes pensamentos alicerçado na ideia de que o objeto a ser investigado deve envolver o proponente, no sentido mais amplo que se possa imaginar, envolto nas suas histórias e experiências (LARROSA, 2002). Esse destaque refere-se ao fato de eu ter sido educado dentro de terreiros e, ao ser iniciado na educação escolarizada, os saberes dos terreiros sempre foram negados, ou melhor, silenciados. Desse modo, assumo que antes de qualquer coisa “[...] falo de sentimentos. Para além das exigências cartoriais, penso que toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já sabido” (CORAZZA, 2002, p.111). Delimitar as danças como problema de pesquisa implica em “descolar-me” dos saberes, poderes, formas de subjetivação e colocar-me em experimentação (CORAZZA, 2002).

A dissertação foi produzida no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Mestrado Profissional, na Linha de Pesquisa Campos e Linguagens da História. Destaco então que meu problema de pesquisa consistiu em saber ***como os sujeitos são produzidos/ educados com relação às danças, em terreiros de Quimbanda na cidade do Rio Grande/RS?*** Ao partir dessa inquietação, propus enquanto objetivo geral ***investigar de que maneira as relações entre pedagogias e ensino dos***

⁴ Uma explicação inicial que orientou este texto e toda escrita da dissertação, moldada pela Análise Cultural é a escrita em primeira pessoa, do singular. “[...] Falar (ou escrever) na primeira pessoa não significa falar de si mesmo, colocar a si mesmo como tema ou conteúdo ao que se diz, mas significa, de preferência, falar (ou escrever) a partir de si mesmo, colocar a si mesmo em jogo no que se diz ou pensa, expor-se no que se diz e no que se pensa. Falar (ou escrever) em nome próprio significa abandonar a segurança de qualquer posição enunciativa para se expor na insegurança das próprias palavras, na incerteza dos próprios pensamentos (LARROSA, 2014, p. 70).

movimentos/danças de entidades espirituais do universo religioso afro-brasileiro são desenvolvidas em terreiros de Quimbanda da cidade do Rio Grande/RS, na contemporaneidade. Desse modo, a estrutura do estudo delineou-se a partir dos **Estudos Culturais** (ESCOSTEGUY, 1998), em suas vertentes **Pós-estruturalistas** (SILVA, 2005), sendo desenvolvida por meio de uma **Investigação narrativa** (CONNELLY; CLANDININ, 1995), pautada nos seguintes conceitos basilares de metodologia e investigação: **Saberes populares** (CASCUDO, 2012); **Saberes sujeitos** (FOUCAULT, 2005); **Pedagogias culturais** (STEINBERG; KINCHELOE, 2001); **Artefato Cultural** (STEINBERG, 1997); **Experiência** (LARROSA, 2002; 1994), contudo estes saberes não implicam no todo estudado, parti deles para chegar aos demais conceitos abordados na dissertação, sendo eles: Para tanto, os conceitos chave utilizados foram: Educação; História; Memória; Experiências; Mito; Rito; Ritual; Religião; Religiosidade; Identidade; Danças e Danças em Terreiros (SOARES, 2018).

Destaco, contudo, que a mesma foi analisada com o auxílio da técnica denominada **Análise Cultural** (WORTMANN, 2007) pelo fato de compreender que por meio das diferentes culturas dos terreiros seria/ foi possível compreender às práticas de ensino nas instituições pesquisadas.

***Rituais para estudar os ritos...
Do projeto à entrada nos terreiros chegando ao firmamento textual
dissertativo***

Como já anunciado, a pesquisa foi desenvolvida no campo dos Estudos Culturais. Para além do exposto, a dissertação está organizada em nove partes. A primeira está denominada **Prece de abertura**, na qual realizo a apresentação do que propondo enquanto “narrativa final”, ou diria, pausada. Na segunda, intitulada **Visões memoriais sobre produções de desejos**, recorro ao que chamei de crônica poética para explicitar minha produção de desejo para cursar este Mestrado e chegar ao texto que segue. Na terceira, o **Oráculo**, esboço um percurso memorial, no qual apresento os caminhos e pensamentos que me conduzem a este programa e pesquisa. Além disso, estabeleço alguns diálogos com autores(as) que são os(as) referenciais escolhidos(as), para antes de qualquer coisa, pensar os processos que me educaram e que acredito serem potentes para se pensar a Educação, em seus diferentes campos.

Na quarta parte, nomeada **Rituais para estudar os ritos... Do projeto à entrada nos terreiros chegando ao firmamento textual dissertativo** está voltada a explicar o processo metodológico aliado a conceitos que mostraram-se

necessários, a partir das visitas aos terreiros. Nesse item, vou amarrando os passos executados, como por exemplo, as visitas aos terreiros, conversas com os(as) dirigentes desses. Início apresentando como uma assistência pretenciosa produziu a necessidade de vincular a este estudo os conceitos de experiências e narrativas. A seguir aciono os conceitos de história e memória, por se mostrarem orientadores dos fazeres de pesquisador, uma vez que, precisei recorrer às minhas – histórias e memórias, para seguir com este estudo. Depois apresento algumas interlocuções com o fazer entrevistador, tendo em vista, que as entrevistas foram a base dessa escrita. Em seguida, dialogo com alguns autores sobre a escolha dos sujeitos de pesquisa. Analisei as narrativas, de seis sujeitos do Município do Rio Grande/RS, referentes aos seus entendimentos sobre como percebem as danças⁵ de exus e pombagiras em terreiros de Quimbanda. Os(As) participantes do estudo são: Daiane da Maria Quitéria (23 de mai. de 2018 – 43 anos - 20 de pronta); Roberto do Pantera Negra (24 de mai. de 2018 – 51 anos - 23 de pronto); Daniel da Padilhinha (27 de mai. de 2018 – 47 anos – 32 de pronto); Marcelo do Tranca Ruas das almas (14 de jun. de 2018 – 61 anos - 39 de pronto); Dione da Maria Padilha (16 de jun. de 2018 – 52 anos – 20 de pronta) e José Carlos do Maioral (16 de jun. de 2018 – 54 anos – 30 de pronto). No item seguinte, a Análise Cultural entra em cena, para apresentar a metodologia de trabalho com os dados, para produção dessa escrita.

Na quinta parte, **Assentamentos** está organizado um referencial teórico, no qual discorro sobre noções acerca de mito, ritos, rituais, religião, religiosidade articulando algumas conexões com a vertente religiosa Quimbanda, a qual também apresento neste capítulo. Ainda nessa parte apresento dois personagens dessa vertente religiosa, a saber, Exus e Pombagiras. A sexta seção, designada **Sentidos do ensino de história, educação e pedagogização dos sujeitos dos terreiros** está voltada para o que compreendo como basilar a produção deste texto, visto que, é nela que apresento alguns diálogos entre educação e pedagogias, estas duas como produtoras de identidades que por sua vez, definem quem são os sujeitos quimbandeiros, que os colocam em lugares distintos, quando falamos em religiosidades. Neste item demarco que outro rastro de intenção da dissertação esta em ver os corpos como “[...] memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser fabricado ao longo do tempo” (SANT`ANNA, 1996, p. 12). Ademais, discorro sobre educação não-formal, tendo em vista que o(s) espaço(s)

⁵ Especificamente sobre as Danças ver Soares (2018).

(local-(is)) para desenvolvimento da pesquisa são os terreiros, lugares não escolarizados, mas que educam, especificamente pelo disciplinamento dos corpos.

A sétima parte, identificada como **Coreografando giras: uma cenografia analítica do ensino das danças de exus e pombagiras** foi escrita para descrever os três artigos, oriundos dos movimentos de análises. Seguindo, na parte oito, **Entregando as oferendas: narrativas dançadas nas encruzilhadas** realizo o exercício de escrever considerações para este momento de pausa, acenando para o até logo. Depois, dessa parte, apresento os(as) **Guias teóricos(as)**, são as referências utilizadas na dissertação. Já, a nona seção são os Apêndices da pesquisa (roteiro base de entrevistas e termo de consentimento livre e explicativo). Encaminho-me para uma pausa e apresento o último item, **Fechando nossa gira**, outra alusão aos ritos, que pude observar e participar durante as visitas aos terreiros de Quimbanda. Nela apresento as rezas que encerram, costumeiramente, as sessões.

Sobre os cruzeiros analíticos...

"[...] Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível" (FOUCAULT, 2013, pp. 05-06).

Início este subitem com menção à Michel Foucault (2013), por compreender que no curso das ações metodológicas, estar nos interstícios, ainda que fosse meu objeto ético, por vezes a percepção dos(as) integrantes dos terreiros, traziam-me para o centro da roda, das giras, de modo que, minha ideia de invisibilidade foi borrada em alguns momentos. Contudo, destaco que, ainda que tenha sido acometido por estas ocorrências, o caráter ético das análises mantiveram-se, conforme eu havia projetado e o fato de entrar na dança com os(as) participantes do estudo, apenas complementou com outros olhares os campos analíticos.

Desse modo, com relação às análises, meus olhares se voltaram, em um primeiro momento, para as recorrências e, logo em seguida, para os escapes, por entender que assim poderia analisar a multiplicidade das narrativas e estratégias produzidas pelas mesmas, atentando as condições de possibilidade que têm permitido estes entendimentos sobre as danças em terreiros. Desse modo, a estrutura da dissertação, foi definida por estes olhares, que possibilitaram o estabelecimento de conexões entre dois entendimentos acerca das danças de exus

e pombagiras, um que é categorizado pela noção de narrativa das experiências históricas e o outro que questiona os usos da educação dos corpos de modo a produzir identidades (SOARES, 2018).

Também apresento uma discussão contingente acerca de um contraponto relativo se há ou não, ensino dessas danças nos terreiros. Por fim, discorro sobre discussões referentes ao ato de nomear-se vinculado aos personagens da Quimbanda, a saber, os exus e as pombagiras. Percebi que as danças têm sido abordadas com entendimentos fluidos, difundidos por saberes, nomeados como fundamentos dos terreiros. Notei que para pensar o ensino de danças, os sujeitos expressam em suas narrativas que cada casa (terreiro) tem seu modo de ensinar/educar, marcando a produção de corpos e identidades territorializados. Assumo a locução danças de exus e pombagiras como um saber científico, uma produção que possui vínculos entre o programa e a linha de pesquisa por apresentar o quanto os sujeitos são produzidos na e pela linguagem científica.

O primeiro artigo/ capítulo está denominado ***Narrativas históricas: Ensaio de movimentações de exus e pombagiras em terreiros de Quimbanda de Rio Grande/ RS.*** Neste artigo problematizo como os saberes em torno das narrativas de experiências históricas foram recorrentes ao produzir análises acerca do ensino de danças de exus e pombagiras, em terreiros de Quimbanda, na cidade do Rio Grande/ RS. Utilizei, para tanto, discussões sobre ensino relacionadas a dois conceitos, conhecimento histórico e usos do passado. Ensinar, ainda que não seja uma premissa de todos(as) os (as) participantes do estudo, coloca em debate artefatos ou técnicas, que substanciam os movimentos dos corpos dos(as) filhos(as) de santo dos(as) dirigentes de terreiros.

Considero que o conhecimento é transitório e que produz, a partir de narrativas históricas, sujeitos religiosos por meio das danças. Especifico que os saberes e o ato de ensinar não são processos definitivos e que apresentam conexões de proximidade com histórias que forjam os terreiros. Os(As) participantes do estudo estabelecem referências a experiências históricas, acionamento das memórias - saberes dos terreiros "ditos" tradicionais, são a todo instante ordenados em uma temporalidade para que se compreenda os locais de onde se falam - raízes, ancestralidades e também seus fundamentos míticos. Para eles(as) os ensinos, especificamente, das danças são realizados, a partir das mitologias, histórias, tanto das mitologias das entidades, quanto, dos modos de trabalhar os corpos nos terreiros. São reiteradas linguagens e técnicas corporais que remontam personificações de histórias narradas pelas entidades e, além disso, das questões que perpassam as feitura ritualísticas dos terreiros. Desse modo,

falar em ensino de danças de exus e pombagiras implica em reconhecer que tais movimentações são produzidas por diferentes campos de saber, mas que corroboram com as dinâmicas ritualísticas e comportamentais dos terreiros.

O artigo/ capítulo número dois, intitulado ***Danças de/em terreiros: educação dos corpos para as giras na quimbanda*** foi orientado por debates em torno da noção de que as danças, em terreiros, são elementos constituintes de caracteres específicos de expressividade, elas reiteram identidades. O artigo em questão problematiza a educação dos corpos em relação às danças de exus e pombagiras, em terreiros de Quimbanda, na cidade do Rio Grande/RS. Utilizei, para tanto, conceitos como educação dos corpos e danças, para discutir sobre estas manifestações em terreiros de Quimbanda. As danças em terreiros, especificamente, as de exus e pombagiras, estão vinculados com noções acerca do que significa ser um sujeito religioso, que pertence a um local específico, uma expressividade religiosa. Dançar, a partir das mitologias dos exus ou das pombagiras, é aqui entendido como acontecimentos socioculturais, que tem por base noções de pertencimento.

Considero, então, que as danças, compõem o aparato ritualístico dos terreiros, além disso, elas não possuem caráter único e sinalizam produções de identidades. Assim, especifico que dançar, nestes locais, é uma manifestação simbiótica entre entidades e sujeitos, a qual resulta em uma forma de expressão da religiosidade. Modos de contar e recontar as mitologias das entidades, bem como, expor rotinas dos terreiros - fazeres mítico-ritualísticos. Neste cenário o gestual possui significados que ora simbolizam alegrias, identidades, insatisfação, batalha, pois pela sacralização do gesto, as entidades representam lutas, narrativas, histórias e enredos que intercambiam mundos, os deles(as) e o nosso, os(as) fieis. Para além disso, ocorrem representações de forças da natureza, de sujeitos desencarnados(as), híbridos entre animais e humanos, compondo mimeticamente expressões que variam desde olhares, sorrisos, semblantes de braveza, entre outros, como afetos, abraços, carícias, que culminam no convite para dançar com eles(as) - tríade médiuns-entidades-assistência. A ancestralidade dos terreiros (mitologias das entidades e oralização) é a ferramenta que pedagogiza os sujeitos - pela educação dos corpos.

O artigo/ capítulo número três, denominado ***Entre entidades, identidades e nomeações: relações de pertencimento na quimbanda de Rio Grande/ RS*** está alicerçado em discussões, as quais preconizam que o ato de nomear-se implica em determinar um local de referência, uma posição de sujeito, uma identidade. O artigo em questão problematizou a nomeação como um modo de produzir-se em

correlação a um pertencimento identitário religioso, em terreiros de Quimbanda em Rio Grande/RS. Utilizei, para tanto, discussões sobre linguagem, produção de identidades, posições de sujeito e entre-lugares, conceitos estes que, nesta pesquisa, mostraram-se vinculados ao ato de nomear-se. A produção de identidades/nomeação relacionadas aos personagens da Quimbanda, a saber, exus e pombagiras, estão vinculados com noções acerca do que significa ser um sujeito religioso, que pertence a um local específico, no caso, o terreiro. Nomear-se, pela identificação do exu ou da pombagira foi entendido como acontecimento sociocultural, tendo por base relações de poder.

Nele, considero que a nomeação é transitória, produz quem a define, sinaliza a posição de onde se está falando, de modo que permite conceber as circunstâncias do ato de identificar-se. Assim, especifico que o ato de nomear-se não é um processo definitivo e que apresenta conexões com a vida de quem joga com as linguagens para se produzir. Os processos linguísticos produzem identidades que são, constructos sociais - atos performativos, imersos em redes discursivas. Ao nos nomearmos, acionamos discursos performativos de uma determinada identidade para indicar algo e não para definir o que nos tornamos [...] caracteriza um tipo de vivência da Quimbanda, a de Rio Grande, Rio Grande do Sul - contingencial. A produção de identidades é um conjunto de estratégias que não estão restritas às aparências. Logo, identidade, nome e posição de sujeito, são produzidos cultural e historicamente, com caracteres específicos de tempo e lugar, resultantes de práticas culturais performativas. Somos então, frutos da linguagem, ao mesmo tempo em que normativamente fazemos usos dela.

Entregando as oferendas: narrativas dançadas nas encruzilhadas...

Tendo a Quimbanda como um espaço para o desenvolvimento deste estudo, penso que por meio dela e de seus saberes, analisar e compreender as danças é algo possível por diferentes razões. A primeira, por perceber nesse campo a inserção das expressões das corporeidades. Segundo porque, no jogo das simbologias, as danças nos terreiros representam relação direta com a noção de identidades. E, por fim, o terceiro ponto diz respeito ao fato de que, por meio das danças e ancestralidades dos terreiros (engendrada nas mitologias das entidades e na oralização) pedagogizam-se os sujeitos, pertencentes a estes espaços, algo possível por diferentes vieses, porém, no caso deste estudo, foi focalizada e percebida, especificamente, pela educação dos corpos.

Ademais, as danças e as narrativas sobre elas apontaram processos linguísticos, memórias e referências ao passado que produzem e reafirmam

identidades, nas relações do terreiro. As identidades são, então, entendidas como produtos de constructos sociais, de atos performatizados, estão imersas em redes discursivas. Assim, ao nos nomearmos, acionamos discursos performativos de uma determinada identidade para indicar o que somos e não para definir algo que nos tornamos. E assim, percebo os exercícios de nomeação dos(as) participantes da pesquisa, afinal, eles(as) estão imersos(as) em redes discursivas que caracterizam um tipo de vivência da Quimbanda, a de Rio Grande, no interior do Rio Grande do Sul e isso a torna contingencial.

A produção de identidades é entendida como um conjunto de estratégias que acreditamos ser adequadas e atraentes. Dessa forma, a liberdade de arranjos estará emaranhada em redes de saber-poder que nos autorizam a inventar determinadas narrativas, rejeitando outras. Ao produzirmos uma identidade podemos fazer com que sejam percebidas nitidamente as relações que as diferem na confecção das demais formas. Estas relações não estão restritas às aparências, porém dependem do compartilhamento de signos culturais, que irão moldar, forjar identidades, nomes e definir posições de sujeito, produzidos cultural e historicamente, que são dependentes de marcas oriundas de grupos e sujeitos com caracteres específicos de tempos e lugares. Somos então frutos da linguagem ao mesmo tempo em que normativamente fazemos usos dela.

Cheguei aqui, entendendo que não há uma essência para o que sejam as danças de exus e pombagiras em terreiros de Quimbanda, pelo menos com os sujeitos desta pesquisa. Isso porque, por um olhar pós-estruturalista, existem possibilidades, discontinuidades e, ao mesmo tempo, movimentos que derivam em tempos e espaços. Sendo assim, não compreendo que as danças detenham em si, somente um significado, pois elas reverberam no sentido de seus usos e atributos. O que afirmo é que segue a desconfiança quanto aos deslocamentos, aos processos de produção de verdades e as condições de possibilidades que produziram/produzem, no tempo presente, as danças de exus e pombagiras para estes(as) participantes.

Em relação às narrativas sobre educação dos corpos, as explicações recaem sobre saberes que lhes foram passados e os(as) participantes complementam anunciando que tal fato deriva de dois pontos: o religioso e o cultural, historicamente recriados de acordo com as experiências de cada contexto. Além disso, as danças, para eles(as), estão assentadas em ritos diversos e, para tanto, estabelecem que estes acontecimentos incidem sobre os corpos. Os corpos, como afirmo ao longo da dissertação, são alvo de atos disciplinares, educativos, pedagógicos. Ademais, verifiquei que as danças podem estar articuladas aos

artefatos culturais, como por exemplo, pontos cantados, imagens de gesso, histórias escritas, saias, capas, entre outros, de modo que as pedagogias contidas neles, sejam entendidas como incitadoras de movimentos, além de produzirem identidades e definirem papéis e posições de sujeitos.

Entrego as oferendas anunciando, a partir das categorias de análise que o ensino das danças, de exus e pombagiras, é algo de caráter subjetivo, condicionado pela historicidade das vivências religiosas quimbandeiras na cidade do Rio Grande. Além disso, ele(s) – o(s) ensino(s) das danças preconiza(m) produção(ções) de identidades e tipos de sujeitos, que são pedagogizados por meio dos segredos de cada terreiro. As discussões acerca do ensino possuem caracteres de mitologias das entidades que remetem ao passado, à história e à memória das práticas religiosas, por vezes, representam arquétipos que aparecem por meio de técnicas corporais, as quais compõem as experiências dos(as) filhos(as) de santo, demais consulentes e deles(as). Mais que isso, eles recorrem à referências a experiências históricas, ao passado, pelo acionamento das memórias ao falarem sobre as danças nos terreiros. Assim, o ensino das danças correspondem aos fazeres mítico-ritualísticos, transpostos em gestos e expressões que conduzem tanto aqueles(as) que dançam, quanto os(as) que assistem afetados(as) por experiências religiosas distintas, variando a produção de sentidos entre sujeitos.

Assim, considero que construí algo que servirá para ser desmontado, rompido, e porque não dizer, quebrado, que poderá reverberar destroços, podendo incitar outros saberes. Sou favorável ao que se poderá fazer deste trabalho, a começar pelas leituras da banca, mas que, além disso, permita sempre múltiplos olhares sobre as danças. Acredito que, de alguma forma, sob diferentes canais, múltiplas narrativas, visualizo que a noção de poder, mais especificamente, as relações de poder, conseguem apontar as mais ínfimas e individuais das condutas dos sujeitos.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro** - Edição Revista, Atualizada e Ilustrada. 12a ed. São Paulo: Global, 2012.

CONNELLY, Michael; CLANDININ, Jean. **Relatos de Experiência e Investigação Narrativa**. In: LARROSA, J. et. al., *Déjame que te Cuente*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante de ferrolhos. In: COSTA, M. V. [Org.] **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação** – 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. pp. 105 – 132.
- DELEUZE, Giles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. 1998. Acessado em 09 de mai. de 2014. [On line].
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/ Michel Foucault; [Trad.] SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida. 23 ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**: curso no Collège de France. [Trad.] GALVÃO, M. E. A. P. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Le pouvoir psychiatrique**. Cours au Collège de France. 1973-1974. Paris: Gallimard, Seuil, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Tecnologia del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990a.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990b.
- LARROSA, Jorge Bondía. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan-Fev-Mar-Abr. n 19.2002. pp. 20 – 28.
- LARROSA, Jorge Bondia. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. [Org.]. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. pp. 35-86.
- PAZ, Francisco Moraes. **Na Poética da História a realização da utopia nacional oitocentista**. Curitiba: Ed. da UFPR. 1996.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e história. **Cadernos de subjetividade**, vol. 3, nº.2, São Paulo: PUC, 1996.
- SILVA, Tomaz Tadeu. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SOARES, Rodrigo Lemos. **DANÇANDO CULTURA: SABERES COREOGRAFADOS SOBRE A FESTA DE IEMANJÁ NO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE/ RS**. **Revista Teias**, [S.l.], v. 19, n. 53, p. 129-142, jul. 2018. ISSN 1982-0305. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/34047/25270>
- Acesso em: 06 nov. 2018. doi:<https://doi.org/10.12957/teias.2018.34047>.
- STEINBERG, Suzan; KINCHELOE, Joe. [Orgs.] **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.

STEINBERG, Suzan. "Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações". In.: SILVA, L. H. da; AZEVEDO, J. C. de; SANTOS, E. S. dos. [Org.].

Identidade social e construção do conhecimento. Porto Alegre, PMPA, 1997. pp. 99 – 145.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência.** A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia - instâncias e práticas contemporâneas. 1. ed. Porto Alegre: EDUFRGS. 352p. 2007.